

O 25 de Abril foi uma acção sem precedentes em todo o Mundo. Aliás, ainda hoje não é conhecido qualquer acontecimento do mesmo género:

As Forças Armadas de um país em ditadura, através de um grupo que se formou no seu seio - neste caso, o Movimento das Forças Armadas - fizeram um golpe militar, derrubaram a ditadura, terminaram uma guerra de treze anos que esse regime impunha, abriram as portas à Liberdade, à Paz, à Justiça Social e à Democracia e devolveram rapidamente o Poder aos representantes eleitos do seu Povo.

Com influência em todo o Mundo, o 25 de Abril constituiu-se como detonador de um conjunto de processos de fim de ditaduras e construção de democracias: seja na Europa (Espanha e Grécia), seja em África (influência directa e determinante no fim do *apartheid*, na África do Sul), seja na América do Sul, seja na Ásia; teve inclusivamente influência na queda do Muro de Berlim e no fim da Guerra Fria.

É, portanto, um motivo de orgulho para Portugal e, nomeadamente, para os que nele participaram.

Em Portugal deu origem a um processo revolucionário, altamente transformador de um País atrasado, com enorme índice de analfabetismo, profundamente isolado da comunidade internacional.

Transformação que criou um País mais livre, mais democrático, mais justo e mais desenvolvido.

Situação que vem sendo destruída, nos últimos anos, onde todos os avanços estão a ser postos em causa e a ser destruídos. Situação que terá de ser revertida, à volta dos valores de Abril.

Pessoalmente, sinto-me um Homem mais realizado porque, tendo já feito uma filha, escrito um livro e plantado uma árvore, tive a sorte de poder participar, activa e profundamente, no 25 de Abril.

Pede-me um episódio dessa noite:

Estando eu, transferido compulsivamente, no Quartel General de Ponta Delgada e não podendo estar aqui a comandar as operações, sabendo pelo telegrama de Otelo que iria ser nessa madrugada de 25 de Abril ("Tia Aurora segue EUA **25.03.00**. Um abraço. Primo António"), pus-me a ouvir rádio, na esperança de obter qualquer informação concreta. Às 02h20 de Ponta Delgada (aqui eram já 04h20), caí na emissão do Rádio Clube Português (estava a fazer *zapping*...) a meio da leitura do primeiro comunicado do MFA.

Não conseguindo perceber de quem era o apelo para os médicos acorrerem aos hospitais, o tempo em que ouvia uma marcha militar, que me pareceram horas intermináveis, passei-o no gabinete a passear e a dizer: "É nosso? É deles? É nosso? É deles?..."

Quando parou a marcha militar e leram de novo o comunicado, ao ouvir "Aqui, Posto de Comando do MFA..." dei comigo a gritar: "Ganhámos, ganhámos!"

De facto, não tive quaisquer dúvidas, ao constatar que estávamos a ocupar um emissor rádio, que íamos vencer.

Lisboa, 9 de Junho de 2014

Vasco Lourenço